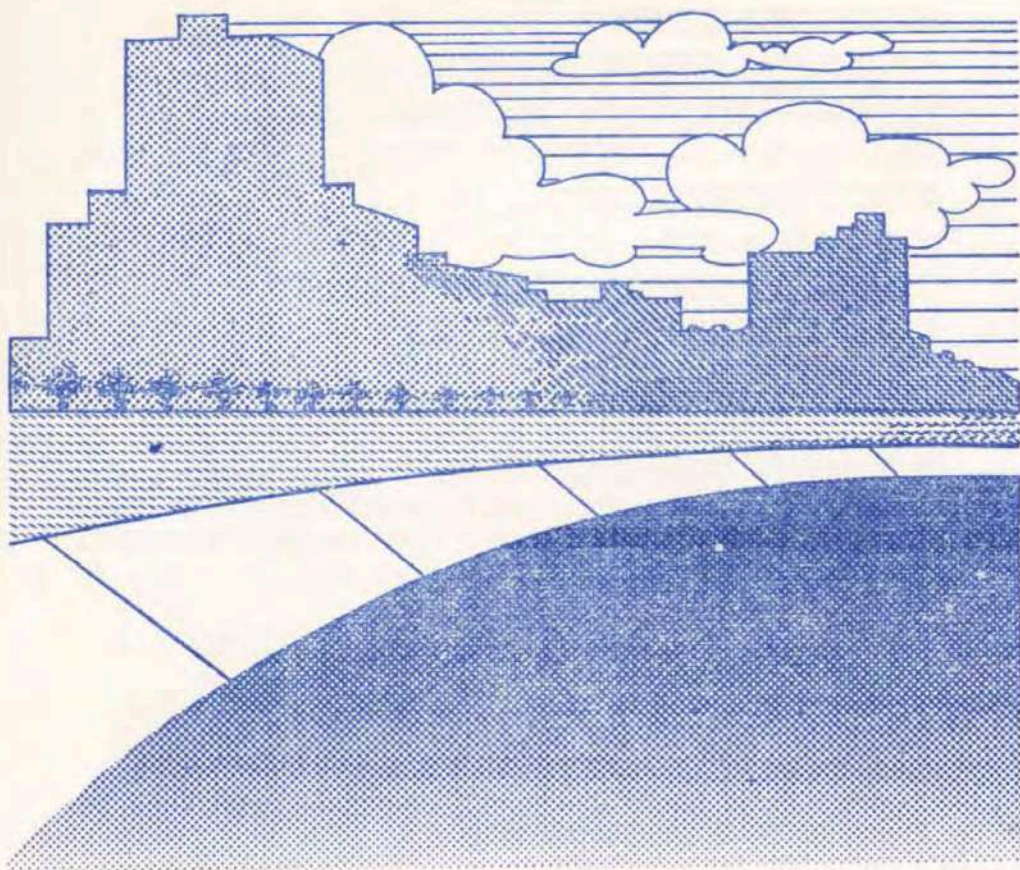


BLUMENAU

em cadernos



TOMO XXVI |

Outubro de 1985

| Nº 10

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Outubro de 1985

Nº. 10

SUMÁRIO

Página

Longevidade	282
Aconteceu... - Setembro de 1985	283
O naufrágio da "Francisca"	285
Autores Catarinenses	288
Catolicismo - Colégio Santo Antônio	290
Uma Conjectura Histórica	293
Homenagem a três grandes músicos	300
Subsídios à Crônica de Blumenau	301
Um zoológico modelo em Santa Catarina	305
A personalidade de Hercílio Luz na necrologia de Eugen Fouquet	307
Subsídios Históricos	309
Blumenau	310

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

LONGEVIDADE

Afonso Rabe

A fortuna de completar oitenta anos de vida, relativamente, em bom estado de saúde geral, realmente, é um motivo de euforia desmedida; é uma dádiva; é mercê; é um prêmio divinal.

Por isso, os longevos são muito felicitados, e, com freqüência, pelos jovens consultados. E não só uma idade avançada desejam alcançar; a vida inteira, com vigor, almejam desfrutar!

Conservar inalterada e perene a juventude, utopia continuará. É um sonho inatingível. Toda a estrada da vida conduz à senectude. Fica a esperança de uma chegada aprazível.

Para o trânsito até lá, não existe um mágico esquema, capaz de assegurar-nos ausência de qualquer problema. Viajará melhor aquele que, apesar de eventuais mazelas, continuar otimista e não perder tempo com vãs querelas.

Além da vida, DEUS nos deu inteligência, e, para administrá-la, plena liberdade. Cabe-nos atuar com a devida competência, para alcançar, com saúde, a longevidade.

Não obstante, algo dado nem sempre é valorizado, como, amiúde, um válido conselho é menosprezado. Mais vezes, só depois de sofrido algum prejuízo, o lesado começa a medir seus atos com mais siso.

Cada um nasce com predicados para deles fazer uso; todavia, a saúde não tolera um mui repetido abuso. Nosso organismo, de estrutura sutil e primorosa, exige um acatamento leal e vigilância cuidadosa.

Submetidos a múltiplas e continuadas imprudências, órgãos vitais podem sofrer, algum tempo, sem alarme. Mas, quando se revelarem as danosas conseqüências, para recuperar a saúde combalida, já pode ser tarde.

Ainda não se encontrou uma fórmula milagrosa, que faculte, a todos, vida longa e deleitosa. Para sonhá-la, antes de tudo, é fundamental, ter o código genético apropriado, essencial.

Mas, pouco valor terá o melhor dote hereditário,
se este não for utilizado com o zelo necessário.
Aquele que os seus preciosos atributos malbaratar,
com resultados perniciosos, sempre terá de contar.

Pelo contrário, o geneticamente menos favorecido,
com sucesso, poderá ter o carecimento ressarcido;
muitos anos viver; êxitos lograr e lauréis merecer,
se, com resignação e tenacidade, no afã permanecer.

Com qualidades genéticas semelhantes, um ponderado
sempre obterá melhores resultados que o desatinado.
A quem, com bom senso, ao descomedimento resiste,
e, com brio, no propósito persiste, DEUS assiste.

Blumenau, outubro de 1985

Aconteceu...

Setembro de 1985

— DIA 1º. — Em comemoração ao Encontro Blumenauense de Atiradores, edição 1986, realizou-se, no Pavilhão Cavalazzi, na PROEB, o Torneio Municipal de Tiro, que contou com a presença de 21 sociedades do município. Na competição sagrou-se campeã a equipe do Caça e Tiro Velha Central e vice a da S. E. Caça e Tiro Itoupava Norte, o primeiro com 694 pontos e o segundo com 685 pontos. O campeão geral da prova foi o atirador Sergio Georg, da S. R. Esportiva 1º. de Janeiro.

**

— DIA 2 — Em comemoração à passagem dos 135 anos de fundação, Blumenau realizou expressivas solenidades oficiais, iniciadas com as homenagens prestadas ao fundador, no Mausoléu Dr. Blumenau, seguido de desfile de sociedades de atiradores, além de outras solenidades mais acontecidas no setor do ensino municipal e na Câmara de Vereadores. Todos os atos oficiais foram presididos pelo prefeito Dalto dos Reis.

**

— DIA 2 — Em solenidade realizada com a presença de numeroso público, o prefeito Dalto dos Reis deu por reinaugurada a praça "Juscelino Kubitschek de Oliveira", localizada na prainha e cuja reconstrução custou aos cofres públicos 130 milhões de cruzeiros, tendo sido também aplicados mais 80 milhões na reforma do vapor Blumenau I.

**

— DIA 6 — Com a presença de autoridades e numeroso público, foi realizada a solenidade de abertura da Exposição de Orquídeas e Plantas Ornamentais, edição 1985, promovida pelo Círculo de Orquidófilos de Blumenau. O ato teve a presença do Assessor de Planeja-

mento da Prefeitura, Eng^o. Olinto Silveira, representando o sr. Prefeito Municipal. A mostra deste ano reuniu 26 expositores de diversas cidades do país. Também esteve presente o Secretário de Educação e Cultura, Prof. Carlos Pizeta.

**

— DIA 11 — Citando a “organização e limpeza” da cidade, o prefeito Dalto dos Reis recebeu carta da turista Mariú Liz Barcelos Caris, do Rio de Janeiro, funcionária autárquica aposentada, elogiando, por intermédio do chefe do Executivo, a cidade de Blumenau, que visitou recentemente em companhia de sua família. E diz, no final, “Estamos maravilhados com o encontro de Blumenau”.

**

— DIA 13 — Nas dependências da PROEB, realizou-se o ato oficial de abertura da 6^a. Exposição Feira de Gado Leiteiro, promovida pelo Núcleo da Associação Catarinense de Criadores de Bovinos. É a 2^a. feira Estadual e a 6^a. Regional.

**

— DIA 18 — O prefeito Dalto dos Reis anunciou a conclusão dos trabalhos de reforma da Escola Básica Municipal “Lauro Mueller”, localizada no bairro Badenfurt, com o acréscimo de outras quatro salas de aula, com o que oferece maiores condições de aprendizado aos 550 alunos do estabelecimento.

**

— DIA 18 — Com a presença do prefeito Dalto dos Reis foi realizada a solenidade de inauguração, às 19 horas, do Centro Social Itoupava Norte, localizado à rua Heimuth Sievert, no mesmo bairro. Naquele centro, foram instalados os serviços médico semanal preventivo, serviço dentário, creches, clubes de mães e também, recreação, todos gratuitos em favor da comunidade.

**

— DIA 20 — Presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, foi realizada a solenidade de reinauguração do Centro Comunitário de Fortaleza, mantido pelo município e que havia sido parcialmente destruído pelas enchentes de 83 e 84.

**

— DIA 21 — Com a inauguração de uma exposição de trabalhos e a apresentação do Coral Camerata Vocale, foi aberta a Semana do Ancião em Blumenau, solenidades estas realizadas na Casa São Simão, Bairro da Escola Agrícola.

**

— DIA 23 — Vítima de pertinaz enfermidade, faleceu o engenheiro Udo Deeke, por cujo infausto acontecimento o prefeito Municipal decretou luto oficial por três dias. Nas expressões do prefeito Dalto dos Reis, “Udo Deeke se tornou credor da admiração e profundo respeito e reconhecimento do povo blumenauense”.

**

— DIA 27 — Foram oficialmente inauguradas as quatro novas salas de aula e os trabalhos de reforma da Escola Básica Municipal “Lauro Mueller”, de Badenfurt. O ato foi presidido pelo prefeito Dalto dos Reis.

O naufrágio da "Francisca"

Elly Herkenhoff

Há 123 anos — em janeiro de 1863 — o nosso primeiro jornal impresso, o "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), vinha ensaiando os seus primeiros passos ainda inseguros, após o lançamento, a 20 de dezembro do ano anterior do "Probenummer" (Número de ensaio), como presente de Natal às colônias Dona Francisca e Blumenau.

Tornara-se realidade, pois, o sonho acalentado já durante alguns anos pelo jurista Ottokar Doerffel: na pequenina comunidade com os seus 3.675 habitantes, estava sendo impresso um jornal, o jornal que seria, durante quase 80 anos, um dos mais representativos periódicos redigidos em alemão, no Brasil.

A rigor, não era o "Jornal da Colônia" o primeiro a circular em Joinville. Já em 2 de novembro de 1852, 10 anos antes, aqui se havia lançado um jornalzinho "sui generis", manuscrito, e é provável que Ottokar Doerffel, imigrado em novembro de 1854, tenha trocado idéias com o professor Karl Konstantin Knueppel, fundador do jornalzinho existente, sobre a possibilidade de lançar aqui um jornal impresso, em substituição ao manuscrito, intitulado "Der Beobachter am Mathiasstrom" (O Observador à Margem do Rio Mathias). No entanto, Knueppel deixou Joinville após alguns anos, enquanto Doerffel foi levando adiante os seus planos, cada vez animado, sobretudo após a chegada, em novembro de 1857, do tipógrafo Carl Wilhelm Boehm e após ter conseguido, por meio de subscrições de vários cidadãos joinvillenses, o capital necessário à compra de um prelo manual. Feita, pois, a encomenda do prelo, por intermédio de um ex-oficial alemão, Johann Otto Louis Niemeyer, de viagem para a Alemanha, de onde voltaria nos últimos meses de 1858, tudo estava resolvido, tudo absolutamente certo: uma vez a oficina instalada, o tipógrafo Boehm já contratado, o artigo de fundo já redigido, os anúncios já coletados, seria lançado o número de estréia do "Kolonie-Zeitung", nas últimas semanas daquele ano de 1858. A barca "Francisca", transportadora da tão preciosa carga, deixou o porto de Hamburgo a 20 de julho e, segundo o "Einwanderverzeichnis" (Rol dos Imigrantes), existente em nosso Arquivo Histórico, vinham 40 passageiros, mais o comandante Tiedemann e os tripulantes. A chegada deu-se a 21 de setembro — mas estava escrito que a "Francisca" não aportaria em S. Francisco: afundou, ali mesmo, à entrada da barra, depois de encalhar no terrível banco de areia Sumidouro e, segundo reza a tradição, toda a carga foi para o fundo, não havendo, porém, vítimas a lamentar...

É evidente que o desaparecimento do prelo vindo da Europa foi

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

um golpe profundamente doloroso, não somente para Ottokar Doerffel, mas para toda a comunidade, ansiosa pelo lançamento do semanário na tão modesta colônia Dona Francisca.

Mas também estava escrito que o "Kolonie-Zeitung" surgiria, enfim, 5 anos mais tarde, porque Doerffel, aproveitando a estadia do embaixador suíço, J. J. Tschudi, em Joinville, pediu-lhe a sua interfe-reência junto aos órgãos do governo brasileiro, no sentido de conse-guir um financiamento para a instalação de uma nova oficina tipográ-fica, sendo atendido pelo Ministro dos Negócios da Agricultura, Co-mércio e Obras Públicas, após a volta do Embaixador ao Rio de Janeiro.

Quanto ao naufrágio da "Francisca", porém, que levou ao fun-do do mar toda a sua preciosa carga, até o presente faltavam-nos quais-quer detalhes mais esclarecedores. Agora, no entanto, dispomos de um documento preciosíssimo, xerox de uma carta escrita pela esposa de Ottokar Doerffel e sua sogra, residente na Alemanha e foi nos o-fertado pela senhora Benigna Kretzschmar, sobrinha bisneta do Otto-kar Doerffel, que veio nos visitar há poucos meses atrás.

Na carta, toda escrita em letra gótica, segundo o costume de então, Ida, dirigindo-se à "Mutter" (Mãe), nos fornece alguns detalhes valiosíssimos sobre o naufrágio, acontecido poucos dias antes. Assim estamos sabendo, 125 anos depois, de que maneira os passageiros e tripulantes conseguiram salvar-se, estamos sabendo que parte da car-ga trazida estava destinada à cidade de Batavia, na Ilha de Java, quan-do até aqui se acreditava, de acordo com a tradição, que toda a carga da barca sinistrada vinha para a colônia Dona Francisca.

É o seguinte o trecho da carta de Ida, referente ao naufrágio, ocorrido na tarde de 21 de setembro de 1858:

Dona Francisca, 25 de setembro de 1858
Minha querida Mãe!

Hoje recebemos as suas cartas e as de August e ficamos muito satisfeitos em saber que vocês, nossos queridos, estão bem de saúde. Graças a Deus, que você conseguiu superar esta fase, ficamos muito preocupados, pois soubemos, já há algum tempo atrás, por intermê-dio do Trinks, que você não estava passando bem de saúde e como há bastante tempo não recebíamos correspondência sua, receávamos que o motivo fosse a sua moléstia. Pois agora, o recebimento das cartas nos livrou desta preocupação. Mas, por infelicidade, o caixote com os objetos que você teve a bondade de providenciar para nós, ex-traviciu-se juntamente com a barca, e é provável que nunca mais vere-mos qualquer vestígio daqueles objetos. É que a barca, em frente mesmo à ilha e bem na entrada da barra de São Francisco, ficou em seco na areia, encalhando de um modo para nós até agora inexplicá-vel. O fato em si não seria de tamanha gravidade, se o mar continu-asse calmo. No momento do encalhe, porém levanta-se fortíssima ven-tania do lado do mar, arrojando ondas tão poderosas contra e por ci-ma da barca, que todos os que ali se encontram, reconhecem de ime-diato que o navio está irremediavelmente perdido, diante da incrível violência das ondas, As duas âncoras, imediatamente lançadas, reben-

taram e a terceira e última âncora de emergência, logo depois também soltou, abandonando assim a embarcação ao sabor dos elementos, cada vez mais enfurecidos. O grande bote de salvamento é arriado, mas, devido às avarias, afunda imediatamente. Arria-se um bote menor, no qual algumas mulheres e crianças são transportadas à terra. Uma segunda travessia, porém, no frágil bote, torna-se impraticável, diante da fúria cada vez maior das águas. Mas, para felicidade dos passageiros, consegue-se estender um cabo da embarcação à terra e é por meio desse cabo que os restantes passageiros conseguiram salvar-se, embora ficassem, muitas vezes, completamente imersos, durante a travessia. Foram momentos pavorosos. Há três mortes de rapazes — entre os quais um marinheiro — a lamentar.

Uma jovem foi salva por um homem, que a agarrou pelos cabelos, no momento em que ia sendo arrancada pelas ondas. Um homem foi salvo por um cão. Nem se podia mais cogitar em salvar quaisquer objetos trazidos, pois dentro de pouco tempo o navio estava completamente espatifado. Os pobres passageiros viram-se obrigados a pernoitarem ali, à beira-mar, molhados até a pele e expostos ao vento frio, pois a terra ali estava coberta de vegetação impenetrável, em razão das muitas plantas de ananases bravos, providos de espinhos cortantes. E moradias humanas só se encontram muito longe daquele local. A tragédia desenrolou-se à noitinha e somente no dia seguinte é que chegou ajuda. E as pessoas que ali chegaram, não se censam de descrever a cena como simplesmente pavorosa. Cacos de barca, caixões, vestidos, móveis belíssimos, estavam boiando sobre as ondas, em terrível barafunda. Dois pianos, sendo um de cauda, estavam enterrados pela metade na areia. Os passageiros, em número de 40 mais ou menos, nada salvaram, senão a roupa que traziam no corpo. Mais tarde, porém, muitos objetos — na maioria estragados — ainda foram lançados à praia, pelas ondas. A embarcação esteve tão carregada, como nenhuma outra antes. Uma única família estava trazendo objetos de decoração no valor de 8.000 táleres. Os móveis eram, em parte, de luxo, sendo que somente sofás boiavam sobre as águas, depois que as caixas em que vieram embalados, se haviam espatifado contra as rochas. Caixas de madeira, com tecidos de algodão, 300 caixas de vinho, couros, tecidos de veludo, de lã e algodão. Não se destinavam para aqui, todas essas coisas, destinavam-se à cidade de Batavia. O senhor Niemeyer, que ali esteve no ano passado, e voltava neste navio, trazia mais de 300 caixas de objetos diversos, em parte para uso próprio, em parte para muitas outras pessoas, sendo que trazia, por exemplo, um prelo completo, cuja perda é particularmente dolorosa para o meu marido. Ontem e hoje chegaram à Colônia os pobres náufragos. Estão sendo socorridos por todos os meios possi-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

veis. No local da tragédia ainda continua a pesca de objetos, por parte de brasileiros, na presença da Guarda Municipal de S. Francisco, mas os camaradas estão constantemente bêbados, do vinho transportado pela embarcação sinistrada. A nossa caixa, naturalmente, também foi para o fundo do mar e a minha tristeza com essa perda naturalmente é profunda, porque sei que você juntou muitas coisas que aqui me fazem uma falta tremenda. . . .”

Eis aí a descrição do naufrágio da “Francisca”, o relato, embora breve, de uma tragédia, ocorrida em plena primavera de 1858, uma tragédia inimaginável para nós, em todos os seus detalhes contundentes e toda a sua dolorosa extensão.

Vários daqueles imigrantes sinistrados deixaram Joinville, mais tarde, traumatizados, quem sabe para o resto da vida. Outros aqui se radicaram, conforme pretendiam ao deixar a pátria, trabalhando com fé e esperança na comunidade que os socorreu e carinhosamente os amparou. Entre os que aqui se integram estão as famílias Bandelow, Busse, Hertz, Horstmann, Luetke, Maehl, Pensky, Schlegel, Voigt e outras.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Nilson Thomé é um pesquisador incansável da história regional do Ceste Catarinense, em especial do episódio conhecido como “Contestado”, autêntica guerra civil que agitou a região de 1913 a 1916 e que é considerado o maior acontecimento militar do Sul em todos os tempos. Seu interesse pelo assunto não se limita aos meios de investigação ditos convencionais, pois se dedica com frequência aos trabalhos de campo, visitando os locais onde ocorreram os fatos, entrevistando inúmeras pessoas, desencavando documentos e mapas antigos, numa entrega que ele próprio confessa ser total ao tema que elegeu. Investigador minucioso, tudo quer ver, examinar, apalpar, circunstâncias que revestem o seu trabalho de invulgar prestígio.

Cinco livros, dez plaquetas, meia dúzia de ensaios e esparços, incontáveis palestras e conferências, além de participação em congressos e simpósios têm marcado sua atuação. E a ela vem juntar-se agora mais um livro a que denominou “A aviação militar no Contestado” (Caçador — 1985), onde estuda o emprego da aviação pelas tropas governistas e a morte do tenente-aviador Ricardo João Kirk, em acidente aéreo ocorrido a 1.º de março de 1915.

Todos os fatos estão colocados dentro de um contexto mais amplo, dando assim uma visão global, ainda que resumida, do “Contestado” e da própria aviação. Embora a tarefa não tenha sido fácil, principalmente por ser leigo em aeronáutica, — como o próprio autor confessa, — o livro atinge seus objetivos e esclarece com precisão

mais uma faceta curiosa dessa guerra cabocla que tanto tem fascinado historiadores como ficcionistas e que nós, embora tão perto, em geral conhecemos mal. É mais uma contribuição de Nilson Thomé à causa que abraçou e que vem reforçar a estante histórica de nosso Estado.

— . — . — . — . — . — . —

O poeta Alcides Buss é outro que põe a inventiva em busca de meios não convencionais de difusão da literatura, particularmente da poesia. Depois do “varal literário”, de cuja experiência resultou até antologia, ele dá início ao “movimento de ação do livro” ou “o livro em movimentação”, pelo qual o autor envia a obra ao leitor e este, depois da leitura, a remete a outra pessoa de suas relações. Para esse fim o volume já vem com um fichário destinado às anotações e com o pedido do poeta para que, no final, seja ele passado a uma biblioteca pública. Trata-se de uma tentativa de libertar e democratizar a cultura que Alcides Buss colocou em prática no livro anterior e cujo resultado positivo, — presumo, — o animou a prosseguir com este “Pessoa que finge a dor” (Florianópolis — 1985), reunião de outros poemas de sua autoria, com ilustrações de Rodrigo de Haro e ensaio crítico de Cassiano Nunes, da Universidade de Brasília.

— . — . — . — . — . — . —

“Encantamentos” é o nome geral da **sanfona** que publica um conjunto de sete poemas de Alfredo Roberto Bessow, crítico literário e poeta. Eles são — diz o autor — “cantos onde está um pouco desta vida que vamos inventando como se ela fosse mais que ilusão”, pois nesses encantamentos está “um jeito de acreditar que o amanhã existe”. Eis aqui uma pequena amostra:

“Há dias demoro mais
para mergulhar no sono
Meus fantasmas
ainda inovando saudades

Ontem à noite o teu
usava chinelos tão lindos...”

— . — . — . — . — . — . —

E por falar em **sanfona**, registre-se que os sanfoneiros Flávio José Cardozo e Silveira de Souza já colocaram em circulação nada menos que vinte títulos, até setembro passado. Segundo o catálogo, foram publicados trabalhos de Silveira de Souza, Flávio José Cardozo, Iaponan Soares, Júlio de Queiroz, Marcos Konder Reis, Rodrigo de Haro, Pedro Garcia, Nereu Corrêa, Othon D’Eça, Maura de Senna Pereira, Lindolf Bell, Harry Laus, Mila Ramos, Alcides Buss, Henrique

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

L. Alves, Hugo Mund Jr., Amílcar Neves, Alfredo Roberto Bessow, Herculano Farias Jr. e o autor destas notas. "Edições Sanfona" são de Florianópolis e têm como sanfoneiros-editores os referidos Flávio José Cardozo e Silveira de Souza.

— Merece registro o ensaio "Essa negra fulô", de Marita Deeke Sasse, uma leitura do célebre poema de Jorge de Lima, publicado na "Revista de Divulgação Cultural" da FURB (nº. 27, set/85). É um trabalho sério e bem feito, como outros que a autora vem dando a público na mesma revista.

— Celeste Laus acaba de publicar uma seleção de seus poemas. São versos livres e sonetos, todos impregnados de misticismo e esperança de uma pessoa sofrida mas que sabe por em poesia a solidão que a cerca e a ternura para com o ser humano, em especial aquelas pessoas que o destino colocou debaixo de seus cuidados. Ela é irmã do escritor e crítico de artes plásticas Harry Laus e reside em Porto Belo.

— A Fundação Catarinense de Cultura e Massao Ohno Editora promoveram o lançamento do livro "Os mil domingos", de Chandal Meirelles Nasser, no Bar do Arante (Pântano do Sul), em Florianópolis. A autora é um novo nome que surge na poesia catarinense.

— O Projeto "O livro até você", em Santa Catarina, foi lançado no plenário da Assembléia Legislativa, com o patrocínio de várias entidades.

CATOLICISMO

Colégio Santo Antônio

Traduzido do Livro "Vida Franciscana" — Ano 1931-1936 Livro nº. 2.

Anc 10 — Setembro — 1933 — pág. 17

CONTINUAÇÃO DO RELATÓRIO DO IRMÃO TILLESSEN:

Dos primeiros anos de nossa fundação em Blumenau.

Com o assumir do Colégio S. Paulo nossos padres assumiram um pesado compromisso. Não foi em vão que o seu fundador P. José Maria Jacobs, fez questão de entregar o mesmo somente em mãos de clérigos. Só assim sabia que aquilo que tinha adquirido e começado se desenvolveria e estava seguro. Em mãos de um simples cidadão clérigo, ainda nas condições primitivas daquela época dificilmente poderia ser seguro. Um ainda restante e interessante relatório de P. Jacobs ao Reitor do Seminário no Rio, ao conhecido lazarista Padre José Hehn, no qual descreve estas dificuldades faz também ver a desprendiosa e sacrificada vida deste homem apostólico. Repetimos aqui fielmente um parágrafo desta carta de 23 de fevereiro de 1883. "Eu fundei há mais de 6 anos o atual Colégio São Paulo:

1 — Para salvar a juventude católica por uma educação sadia e religiosa e criar uma geração cristã.

2 — Preparar jovens talentosos para o Seminário e assim cooperar para desenvolver nesta diocese um bom clero.

Por este motivo sacrifiquei-me até agora a esta instituição: 1º. todos meus bens particulares cerca de 5:500\$000 sacrifiquei nesta obra, assim que hoje não tenho mais um níquel. 2º. minha cônica sem exceção. 3º. minhas economias de missas e demais pequenas entradas. Além disto minha comunidade é composta de 5.500 almas distribuídas em 24 distantes locais que visito regularmente, talvez a mais pobre na diocese, porque até hoje nem 1% é capaz de comprar sua própria roupa, muito menos gastar para a Igreja e Escola. Eu abrigo 130 crianças na escola entre os quais 12, pagam anualmente 100 — 150 mil-réis. As outras crianças de colonos deveriam pagar por dia 120 réis por comida, moradia e escola, mas destes 120 réis entram apenas 3% e ainda visto quase 20 crianças gratuitamente para que não andem nuas. Além disto preciso manter os professores e as dependências do Colégio e adquirir material escolar. Com que vou fazer frente a essas despesas colossais? Peço que entenda e interceda por mim junto ao Reverendo Bispo para que eu possa ir ao Rio e mendigar para minha instituição caso contrário a mesma desaparecerá na miséria. Foi portanto não um legado invejável que Padre Jacobs deixou aos seus sucessores. Mas com afinco e entusiasmo jovem, nossos Padres Zeno e Lucinius empenharam-se na escola e nos cuidados da alma de nossa comunidade. Primeiro ainda atuava ao lado deles o professor cidadão senhor Franz Frankenherger até que o comissário P. Irinaeus trouxe em 1893 para o colégio três excelentes professores, P. Solanus Schmitt e os dois professores com preparo acadêmico, Prof. Fr. Caesar Elpel e Berthold Bigge. Por este motivo em bem pouco tempo o Colégio tomou um grande impulso e logo foi reconhecido também pelos comerciantes protestantes da cidade e região. P. Zeno então empenhou todos os seus esforços para trazer boas Irmãs para o ensino das meninas. Quando soube que vinha três irmãs da Ordem da Divina Providência, pediu ao P. Eiping de lá que deixasse estas três irmãs para a sua paróquia, com o que concordou. Ao nosso colégio chegaram em 1895, mais dois padres auxiliares, P. Cletus Espey e Meinholph Gutberlet vindos da Bahia.

O trabalho tinha se avolumado e às matérias elementares foram anexadas francês e inglês como obrigatórias e latim e o grego como facultativas. A fama de nosso colégio tornou-se tão grande que tínhamos alunos do Paraná, São Paulo e até do Rio de Janeiro.

Ainda a comunidade da ordem vivia em Blumenau em condições primitivas, quando de nosso convento veio a pergunta se podíamos abrigar o Colégio Seráfico de lá, nós imediatamente respondemos afirmativamente. Ainda sem saber onde abrigar os 30 alunos e seus professores. Mas nós precisávamos socorrer os nossos pobres companheiros de Olinda. Os mesmos haviam chegado a Recife em 1894 com P. Comissário Irinaeus e em dezembro seguindo para Olinda. Ali possuímos um maravilhoso Convento que após 50 anos de a-

bandono foi precariamente restaurado para abrigar o Colégio Seráfico. Mas infelizmente o calor de Olinda fez muito mal aos jovens que haviam vindo de lugares frios e de clima gelado da Europa. Mas a verdadeira febre começou somente em janeiro, quando todos os acompanhantes da casa estavam doentes. Frades, padres, irmãos e alunos. O pior no entanto era que o médico não havia. Somente um velho aparecia de vez em quando e recomendava quimina. Quando o Comissário P. Amandus viu com seus próprios olhos esta miséria, ordenou transferir os doentes para o Hospital de Recife.

P. Julius Jansen de Rio Negro fornece dados deste tempo, relatando a viagem do Colégio para Blumenau.

A direção do Colégio nos forneceu o seguinte relatório:

Da janela assistimos a recuperação gradativa de nossos colegas que eram 20 ao todo. Um quadro triste! Pobre rapazes! Pálidos e magros um apoiava-se no outro. A esperança que P. Amandus depositará no hospital não dera certo. Não havia irmãs neste hospital que se interessassem pelo cuidado dos doentes, só enfermeiros que pouco se importavam com os internados. Assim lembraram-se do nosso colégio e em meados de abril os 30 estudantes com seus professores Cyriacos e Paschalis embarcaram no navio costeiro "Santelmo". Era um navio bem velho que constantemente aportava em portos para qualquer reparo. Enquanto nos primeiros dias de viagem a alimentação era mais ou menos boa, agora começava a ser racionada até que um dia recebemos apenas pão torrado porque havia acabado os víveres. Precisaram mudar de itinerário para abastecimento e isto foi em Paranaguá. Sonhamos que lá nos esperaria um navio que diretamente nos traria para Blumenau. Quando perguntamos pelo mesmo nos olharam incrédulos. Navio para Blumenau? Isto não existia e nosso único consolo foi o porto de Itajaí onde encontraríamos um vapor que nos levaria para Blumenau.

P. Cyriacus mandou reservar imediatamente passagens neste vapor para todos nós. Mal tínhamos deixado o Porto de Paranaguá fomos surpreendidos por uma tempestade tão violenta que o capitão do navio disse que seria impossível chegar à Itajaí a tempo de alcançar o Vapor. Eles nos levaram até a terra firme onde poderíamos pernoitar e esperar o tempo melhorar. Mas onde ficaríamos, nós 30 homens e com que dinheiro pagaríamos a hospedagem? P. Cyriacus procurou assim impedir o desembarque, primeiro o Capitão esbravejou, usou todo tipo de palavras cujo significado tínhamos que procurar primeiro no dicionário. Não havia outra solução, senão concordar em ir à terra. Foi feito e lá estávamos entre 5-6 horas da tarde no cais e na incerteza e atormentados pela fome. P. Cyriacus resolveu então ir à procura de algum alimento para nós, neste meio tempo juntou-se um grande grupo de curiosos. Quando P. Cyriacus explicou a eles o

E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

que estava acontecendo, aproximou-se um senhor dizendo: “Eu sou telegrafista aqui e na agência tem uma grande sala que poderia lhes ceder para a espera. Agradecidos, aceitamos esta oferta. O bom homem ainda conseguiu alguns colchões de palha o que permitiu que pudéssemos descansar. Na manhã seguinte fomos levados de volta ao navio e a viagem prosseguiu sem mais obstáculos para São Francisco, Itajaí. Felizmente aqui encontramos o Vapor “Progresso” no porto que cedo às 9 horas partiria para Blumenau. Para esta viagem que normalmente se fazia em 8 horas, devido o baixo nível do rio demorou muito mais e chegamos às 9 horas da noite. Não sabíamos naquele tempo que Blumenau, apesar de já levar a denominação “Cidade”, era um vilarejo no meio da floresta. Ao aproximar-nos do porto vimos uma porção de luzes balançando e só quando chegamos perto ouvimos o vozerio de crianças, precebemos que elas portavam lanternas para iluminar nosso desembarque. Ficamos bem acomodados no Colégio e aos poucos recuperando nossa saúde, julgávamos estar num paraíso, as laranjas, as flores, tudo isto, ajudou para nosso breve restabelecimento.

UMA CONJECTURA HISTÓRICA

Antônio R. Nascimento

Chegando a Rio do Sul e curiosos que somos da História de Santa Catarina, chamou-nos a atenção a figura de Basílio Correa de Negredo, homenageado pela estátua hipotética defronte da Prefeitura e epônimo de rua central riosulense. Curiosidade que nos foi despertada pelo fato de Rio do Sul ser cidade de típica colonização alemã, a despeito da grande influência italiana. Como então o pioneirismo de um caboclo?

Mais estranho e curioso ainda nos pareceu o sobrenome NEGREDO, que jamais vimos nas mais antigas póvoas catarinenses e que nunca encontramos no rol dos patronímicos de famílias catarinenses, malgrado nossas incessantes pesquisas nos últimos anos.

Ante a informação de que viera do leste, do Baixo Vale do Itajaí, ou incumbindo do transporte por balsa, conforme notícia de A. E. Cardoso (Mapa do Município de Rio do Sul, pág. 23, 1984), logo suspeitamos de que NEGREDO não passa de corruptela de NEGREIROS, patronímico da antiquíssima família CORREIA DE NEGREIROS, que, segundo o saudoso J. Ferreira de Silva (Blumenau em Cadernos, Tomo IV, n.º 4, pág. 75, abril de 1961), instalara-se às margens do Itajaí-mirim, “desde antes de 1793”.

O fato de se tratar de um apelido de família composto — CORREIA DE NEGREDO —, aliado à similitude como outro — CORREIA DE NEGREIROS —, robustece nossa conjectura, pois de um para o outro não vai grande diferença gráfica, sendo esta certamente oriun-

da do português estropiado que se falava nos primórdios da colonização teuta, fato sabido e ressabido por todos.

Se assim o for, o nosso Basílio Correa de Negredo é um descendente direto de José Correia de Negreiros, que foi casado, na Armação de Itapocoróia, depois Município da Penha, com Joana Dias de Arzão, aparentada com João Dias de Arzão, antigo ou primeiro sesmeiro de Itajaí (Carlos da Costa Pereira, História de São Francisco do Sul, pág. 53) e com Mathias ou Matheus Dias de Arzão (encontramos grafado nas duas formas), que, juntamente com sua mulher Isabel Nunes da Silva, veio de Paranaguá, então Província de São Paulo, para povoar o distrito da Capela de São João Batista de Itapocoróia, depois, 1778, Armação Real de Itapocoróei, pertencente à freguesia de N. S^a. da Graça do Rio de São Francisco do Sul, conforme pesquisa que fizemos no livro n^o. 5 de registro de batismos da Matriz da primeira cidade catarinense.

Não logramos descobrir de onde teria vindo esse José Correia de Negreiros, mas supomos que também o fosse de Paranaguá, em virtude do citado parentesco provável de sua mulher Joana Dias de Arzão com Mathias (ou Matheus) Dias de Arzão, identificado como natural de Paranaguá, pois era comum, na época, a migração de toda a família para um novo local a ser povoado, a exemplo do que ocorreu com Manoel Lourenço de Andrade (primeiro povoador oficial de São Francisco do Sul), com Francisco Dias Velho ("idem" da Ilha de Santa Catarina) e com Domingos de Brito Peixoto ("idem" de Laguna)..

Esse José Correia de Negreiros teve a filha Floriana, que, em 1805, foi mãe natural (pai desconhecido) de um Isidoro; o filho Tomás Correia de Negreiros, casado, na mesma Capela de São João Batista, com Joana Lopes de Moura, filha de João Lopes de Moura e de sua mulher Josefa Gonçalves Lamim, antigos moradores locais, anteriores a 1778, conforme se vê no assento de batismo de Maria, nascida aos 16 de outubro de 1806; o filho Jacinto Correia de Negreiros, casado, na mesma Armação de Itapocoróia (depois Itapocoróei), com Caetana Pereira de Jesus, filha de Inácio Lopes Pereira do Rosário e de sua mulher Antônia Gonçalves Correia, moradores igualmente anteriores aos que vieram fugidos da invasão espanhola de 1777, conforme o registro da filha Juliana (9.2.1806, "por se achar findo o primeiro livro da Capela de São João Batista"); e a filha Joaquina Rosa, casada com José Pinheiro, filho de Manoel Pinheiro e de Maria Joaquina, ambos naturais da Ilha de Santa Catarina, o que os reporta à referida fuga das invadidas armações de baleia, segundo o assento religioso de Felizarda, 19.8.1806, onde os avós maternos são mencionados apenas como José Correia e Joana Dias, mas que, certamente, são os mesmos "de Negreiros" e "de Arzão", em virtude do pequeno núme-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

ro de habitantes na Armação de Itapocoróia de então (1806). Essas informações, embora insignificantes à primeira vista, são importantes para um futuro biógrafo de Basílio Correia de Negredo ou "de Negreiros", como pretendemos. Outros descendentes de José Correia de Negreiros devem estar nos arquivos eclesiásticos da Cúria Metropolitana de Florianópolis, conforme informação do historiador J. Ferreira da Silva (História do Município de Penha, pág. 11), que, aliás, dá-nos um relato completo do lugar onde habitou esse primeiro Correia de Negreiros:

"Sabe-se, por outro lado, que, em 1739, devia haver moradores por aquelas regiões... (pág. 6) ... Não conhecemos, até agora, documento algum do qual se pudesse inferir quando e por quem começou o povoamento do território do atual Município da Penha. Mas, o que não sofre dúvida alguma é que, já por volta de 1759, havia muitos moradores ao longo das praias de Itapocorói e de Piçarras, assim como de Barra Velha e outras, tanto assim que dois deles, Bento da Silva Veloso e Tomé da Silva, dirigiram ao bispo do Rio de Janeiro uma petição, solicitando permissão para levantar uma capela na primeira dessas praias (pág. 7).

Assim, o povoado de Itapocorói foi crescendo, embora com grande morosidade, até que um importante acontecimento, ocorrido em 1777, na Ilha de Santa Catarina, teve influência decisiva no seu desenvolvimento e no de todo o litoral próximo (pág. 8, referindo-se à invasão espanhola).

Para ali, pois, foram encaminhados os homens e escravos das armações ocupadas pelos espanhóis, dando-se começo às edificações necessárias (pág. 9).

Em nossas pesquisas, pensamos ter conseguido identificar quem veio após 1777, distinguindo-os dos que já lá estavam. Os egressos das armações de baleia invadidas seriam: Malaquias José Gonçalves e sua mulher Felizarda Teresa de Jesus; José Gonçalves Lourenço e sua mulher Joaquina Inácia; José Inácio Barges e sua mulher Leonarda Inácia da Trindade; Manoel José Cliveira, que se casou lá com Ana Alves de Castilhos, filha de antigos moradores (João Alves de Castilhos e Francisca Pedrosa); Inácio José da Cunha e sua mulher Joaquina Rosa de Santo Antônio (filha de um João de Deus de Santa Ana, natural de Pernambuco, que se casou na Ilha de Santa Catarina com Clara Joaquina de Bitancourt); Antônio Inácio e sua mulher Ana Joaquina; Feliciano José (natural da Lagoa da Conceição) e sua mulher Jacinta Maria de Jesus (natural de São José); José Coelho e sua mulher Angélica Rosa; José Antônio da Silva e sua mulher Ana Rosa; Manoel José da Costa e sua mulher Florentina Rosa; José Inácio Meneses e sua mulher Margarida da Conceição; José Antônio Martins e sua mulher Joana Rosa (esta dos antigos moradores); José Inácio da Silva e Ana Maria; Severino José e sua mulher Ana Joaquina; Manoel Soares e sua mulher Maria Francisca; Silvestre de Borba e sua mulher Inácia Mariana; André da Cunha e sua mulher Fulana (?) Inácia; Manoel Antônio da Rocha e sua mulher Ana Maria; Fulano (?) Vieira e

sua mulher Joaquina Rosa; João da Rosa e sua mulher Maria da Rocha; Jacinto José Manoel e sua mulher Fulana Ant^o.; Manoel Cardoso Coelho e sua mulher Ana Inácia, Marcelino José Cardoso e sua mulher Maria Francisca; João Antônio de Lemos e sua mulher Joaquina Rosa de Jesus; e outros que desconhecemos. Nossa suposição se baseia no fato de tais casais serem naturais da Ilha de Santa Catarina ou das freguesias circunvizinhas, sendo sempre filhos de ilhéus, o que não ocorre com os moradores antigos, dentre os quais descobrimos: Inácio Cardoso, que veio de Cananéia e se casou ali com Ana Maria da Conceição, filha de Tobias da Silva e de Benta Alves; João de Sousa Miranda e sua mulher Rita Maria de Jesus; Florêncio da Silva e sua Mulher Ana de Jesus (esta vinda de Santa Catarina); José Antônio Nunes e Florência Nunes da Silva, filhos de pais oriundos de Paranaguá; Agostinho José de Sá Brandão, filho de outro de igual nome e que veio da Vila do Conde, Província do Minho, casando-se, em São Francisco do Sul, com Isabel Maria de Siqueira; Antônio Dias de Arzão, filho de João Dias de Arzão e casado com Francisca Luiza; Antônio Dias de Arzão, filho de Mateus Dias de Arzão (ou Matias) e casado com Úrsula Maria de Jesus; Gonçalo dos Santos, filho do espanhol José dos Santos, casado lá com Estella de Farias; Manoel da Silva Coutinho, filho de Tomé da Silva e de Joana de Siqueira (esta natural de São Paulo), casado com Damiana Maria (filha de João José de Sá Brandão e de Luiza Maria da Conceição); João José de Nepomuceno, filho de pais cariocas e que lá se casou com Clara de Jesus, filha de pais que moravam em Piçarras; Manoel Coelho da Rocha, filho de ilhéus (o pai de igual nome), que lá se casou com Maria Teresa Rosa; Antônia Pinto e sua mulher Maria Engrácia, filha de Mathias Dias de Arzão; Tomás da Silva e sua mulher Maria de Siqueira; Pedro dos Santos e sua mulher Francisca Ribeira, ele filho do espanhol José dos Santos, já referido, e de Estela Rodrigues de Faria; José Gonçalves Ramos e sua mulher Maria Henriques; Sebastião José de Oliveira e Bernarda Dias de Arzão, filha de Matias Dias de Arzão; Matias da Costa e sua mulher Ana Joaquina, filha de Manoel Coelho da Rocha; Pedro Peres Vicente e sua mulher Maria Peres; José Francisco Caldeira e sua mulher Laureana Rosa de Jesus; Joana Dias de Siqueira, filha de Salvador Dias de Arzão e de Ana Luísa; Joaquim Peres, filho do espanhol Pedro Peres e de Ana Cardoso, natural de Santos, casado com Inácia Fernandes; Domingos Alves de Siqueira, filho de Manoel Alves de Siqueira e de Joana Veloso, casado com Ângela da Graça, filha de Antônio de Quadros Araújo e de Maria Antônia; José Rodrigues, filho do português Antônio Rodrigues dos Santos, lá casado com Maria da Silva, que se casou com Ana Luiza Fernandes, filha de Vidal Luiz e de Maria Fernandes; Paulino de Sousa, filho de Manoel de Souza e Margarida Moreira, casado com Petronilha da Graça, filha de Antônio de Quadros e de Maria Antônia, Salvador Gonçalves da Luz, filho de Antônio Rodrigues da Luz e de Joana Gonçalves, moradores nos Tabuleiros, casado com Damiana Pereira de Jesus, filha de Inácio Lopes e Ana Maria Angélica; Bento da Silva Coutinho, filho de Antônio da Silva Coutinho e de Ana Tavares de Miranda, casado com Luiza

Antônia de Jesus, filha do português Antônio da Silva Porto e de Maria dos Anjos, natural da Ilha de Santa Catarina; João Alves de Almeida e sua mulher Francisca Cardoso; Domingos Dias da Silva, filho de João Domingues da Silva e de Clara de Oliveira, casado com Antônia Teresa de Jesus, filha de João Ferreira Galhardo e de Bárbara de Jesus, moradores em Picarras; Amaro Gonçalves da Luz e sua mulher Antônia Lamim, filha de Tiago Lamim e de Ana da Silva de Arrioles, seu pai filho de Silvestre Lamim e de Ana Cardoso (veja-se a antiguidade!) e sua mãe filha de Martinho de Arrioles e de Maria da Silva; Joaquim Antônio, filho do espanhol de Córdoba Antônio Marcelino Moreno, que lá se casou com Ana Angélica, tendo Joaquim casado com a josefense Maria dos Anjos, fugida certamente da invasão espanhola; Antônio Ribeiro e sua mulher Francisca Dias; Mancel dos Santos e sua mulher Josefa Francisca; Antônio Álvares de Almeida e sua mulher Messias Rodrigues, pais de outro Antônio Álvares, que lá se casou com Rosa de Jesus, filha de Francisco José Carvalho e de Maria de Jesus; Tomás Dutra e sua mulher Ana Gonçalves de Faria; Antônio de Quadros e sua mulher Maria Antônia, pais de Carlos Antônio, que casou com Clara Maria, filha de Vitorino Fernandes (morto em 1784, com 53 anos) e de Maria Alves; João Pinheiro de Barcelos, cujos pais — José Pinheiro e Catarina Rodrigues vieram da Capitania do Espírito Santo e que se casou lá com Ângela dos Santos; André Luiz (Francisco Luiz e Margarida Marques) casado com Claudiana Gonçalves (Manoel Gonçalves Lamim e Maria Bárbara); Narciso Gonçalves (Francisco Gonçalves Lamim e Domingas Vieira) e sua mulher Maria de Souza (José de Souza e Rosa Maria); Floriano Henriques (Manoel Henriques e Joaquim Correia) e sua mulher Tomásia dos Santos (Pedro dos Santos e Francisca Ribeira); João Ribeiro de Moura, morto em 1789, com 85 anos, casado com Clara Alves de Siqueira, pais de Pedro Paulo de Moura, que lá se casou com Maria Rita de Jesus, filha de Joaquim José Pinto, natural de Santos, e de Brígida Cardoso, natural de Paranaguá; Joaquim Pereira (Anacleto Pereira e Ana Rosa) e sua mulher Ana Francisca; Joaquim Alves dos Santos (Manoel Alves dos Santos e Joana Maria de Souza, naturais do Porto, Portugal) e sua mulher Ana Dias de Arzão (Mathias Dias de Arzão e Isabel Nunes, ambos de Paranaguá); e, finalmente, José CORREIA DE NEGREIROS casado com Joana Dias de Arzão.

Essa longa lista revela as raízes do povo itajaíense e demonstra também o quanto estava certo o inesquecível J. Ferreira da Silva, quando afirmou que o povoamento da costa catarinense, nas proximidades da foz do Rio Itajaí já era habitada por volta de 1739, ou até antes de tal data, como o demonstra a notícia publicada em Blumenau em Cadernos (Tomo IV, nº. 4, pág. 75):

“A 29 de abril de 1793 falece às margens do Itajaí-Açu, onde residia, Ana Maria da Costa, esposa de Antônio Dias de Arzão, tido como dos primeiros moradores do Itajaí. Ana Maria faleceu com 90 anos.”

Se admitirmos que essa Ana Maria da Costa tivesse nascido lá mesmo, teríamos habitantes no Rio Itajaí já por volta de 1703, o que não é de se estranhar, pois um João Dias de Arzão foi testemunha do

legado do Capitão Antônio da Fonseca Pinto, sobrinho do fundador de São Francisco do Sul, Manoel Lourenço de Andrade, conforme inventário processado em Curitiba, no longínquo ano de 1673 (Ermelino de Leão, manuscrito inédito, citado por Carlos da Costa Pereira, História de São Francisco do Sul, pág. 53).

Um futuro biógrafo de Basílio Correia de Negredo, não poderá deixar de registrar seu eventual parentesco com esses Arzões, uma vez que tal família foi de basilar importância para a História de Santa Catarina, o que ainda está num anonimato estranhável. Veja-se, por exemplo, que o Alferes Antônio José da Costa, construtor da primeira estrada entre a serra e a costa catarinense, teve por sócio um Antônio Marques de Arzão. Essa estrada, concluída a 6 de dezembro de 1790, tinha dezesseis léguas e 560 braças, "medidas à corda sobre o terreno desde a Guarda do Maruí, 3 léguas para oeste do estreito que separa a Ilha da terra firme, até o lugar chamado Castelo-melhor, ao poente da Serra Geral, situado na fronteira da Capitania de Santa Catarina com a de São Paulo" (Walter F. Piazza, Santa Catarina: sua História, pág. 177). Um outro Arzão, Miguel Dias, lavrador de profissão, surge, em 1722, como testemunha do Capitão-mor Agostinho Alves Marinho, num atestado por desacatos que a ele teria feito o Ouvidor Rafael Pires Pardiniho, quando em correição nas vilas meridionais (Costa Pereira, ob. cit., pág. 87). Outro, de nome José Dias de Arzão, lutou bravamente contra o exército de André Artigas, em 1816 (ob. cit., pág. 91, citando Almeida Coelho). A respeito desse possível parentesco de Basílio Correia de Negredo com os tais Arzões, mercê do casamento de José Correia de Negreiros com Joana Dias de Arzão, veja-se o que historiou o Professor Oswaldo Rodrigues Cabral:

"Itajaí, na foz do rio deste nome, teria tido como primeiro ocupante do seu território, um Mateus de Arzão, da família de João Dias de Arzão, que veio para Santa Catarina com Manoel Lourenço de Andrade, fundador de São Francisco, ocupante que se dedicou à agricultura no lugar que até hoje conserva o nome de FAZENDA. Posteriormente, Alexandre de Azeredo

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Leão Coutinho (que era capitão, segundo nossas pesquisas genealógicas), Silvestre Nunes Leal Correia, JOSÉ CORREIA DE NEGREIROS e outros instalaram-se na região com as respectivas famílias.”

(História de Santa Catarina, 1970, pág. 61)

Discorrendo sobre a Fundação de Itajaí, J. Ferreira da Silva, posicionando-se na questão Vasconcelos de Drummond “versus” Agostinho Alves Ramos (idem, ibidem) e para quem “Drummond não foi o fundador de coisa alguma em Santa Catarina”, diz textualmente:

“E tanto isso é verdade que a abundante documentação que nos ficou da atuação do Intendente de Marinha de então, Melo e Alvim, encarregado da localização em Porto Belo, dos colonos ericeiros e da fundação da colônia Nova Ericeira, nos dá notícia de que muita madeira, para as moradias daqueles colonos foi tirada das margens do Itajaí Mirim e que, quem as preparava e fornecia ERA UM DOS CORREIA DE NEGREIROS, ALI ESTABELECIDO COM MORADA E ROÇAS, ALÉM DO RIBEIRÃO CANHANDUVA, DESDE ANTES DE 1793.”

Temos, portanto, a localização de onde fixou residência esse possível ancestral de Basílio Correa de Negredo, segundo balseiro de Rio do Sul, de acordo com sinopse histórica do criterioso pesquisador Victor Lucas (ajudado por seu primogênito José e pelo genro Anápio Gomes, tendo sido primeiro balseiro um Schroeder, de prenome Carlos).

A confirmar nossa conjectura, Basílio Correia de Negredo, se descendesse de José Correia de Negreiros, estaria ligado às mais antigas famílias de Santa Catarina, uma vez que, como vimos, esse seu ancestral fora casado com Joana Dias de Arzão.

Ademais, cumpre notar que “Negredo”, além de ser estranho aos apelidos de família de nossa terra, não consta de nossos dicionários, o que não ocorre com “negreiros”, termo dicionarizado desde os primeiros tempos de escravatura, na acepção de “aquele que faz tráfico de negros”.

Não bastasse isso, o patronímico Negreiros se conservou nas comunidades litorâneas catarinenses, como o prova Índio de Negreiros, consagrado artista plástico de Joinville, que, a nosso sentir, tornou-se inigualável em seus desenhos a bico de pena.

A homenagem de Rio do Sul ao elemento caboclo de nossa formação étnica é dos mais simpáticos gestos que já vimos em áreas de colonização teuta. Por isso, citamos, como fecho, o pensamento recente do Senador Carlos Gomes de Oliveira:

“Foram correntes humanas que se encaminharam numa mesma direção, como afluentes de um rio e que vão engrossar as suas águas.”

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

Homenagem a três grandes músicos

Johann Sebastian Bach (21.3.1685 — 28.7.1750)

Georg Friedrich Händel (23.2.1685 — 14.4.1759)

Heinrich Schütz (9.10.1585 — 6.11.1672)

Este ano comemora-se no mundo inteiro os jubileus de três grandes compositores alemães: o 300.^o aniversário de Johann Sebastian Bach e Georg Friedrich Händel, e o 400.^o aniversário de Heinrich Schütz. Suas obras fazem parte dos mais preciosos bens culturais da humanidade.

No território da República Democrática Alemã encontram-se não só as cidades natais dos três compositores como também os locais mais importantes de suas atividades artísticas à exceção de Händel que mais tarde trabalhou na Inglaterra. As múltiplas homenagens e eventos do jubileu na RDA receberam uma atenção especial do público internacional. O ponto culminante das comemorações foi o 60.^o Festival de Bach da Nova Sociedade Bach em março, em Leipzig. Durante este festival musical aconteceram 66 concertos com renomadas orquestras e solistas de 14 países.

Também o sr. Dr. Dalto dos Reis, Prefeito Municipal de Blumenau, através do seu Chefe de Gabinete sr. Vilarino Wolff, dirigiu-se a Sociedade Cultural Novo Pátria ("Gesellschaft Neue Heimat") em Berlim — Capital da República Democrática Alemã, demonstrando vivo interesse em participar — duma ou doutra forma — das homenagens a Bach, Händel e Schütz.

A "Neue Heimat", em resposta à carta redigida em idioma alemão pelo sr. Alfredo Wilhelm, correspondente do Gabinete do Prefeito, de imediato se prontificou a colaborar com a Prefeitura de Blumenau, enviando via aérea o material necessário para uma pequena exposição sobre estes três grandes compositores.

Entre o material enviado ressaltamos filmes documentários como "Johann Sebastian Bach" (falado em português) e "Unterwegs zu Händel" (No caminho de Händel); Discos LPs de Bach, Handel e Schütz; fitas magnéticas, fotografias e posters; livros e partituras dos três imortais compositores.

O material foi entregue ao Departamento Cultural da Prefeitura, cujo diretor sr. Daniel Curtipassi já determinou a apresentação da "Missa em si-menor" de Bach" na "Praça da Prainha" no dia 13-10-85 transmitido pelo sistema de som de alto-falantes.

Johann Sebastian Bach

"Missa em Si-Menor"

Executada pelo "Neues Bachisches Collegium de Leipzig" e solistas do "Gewandhaus". Coral da "Rádio de Leipzig".

(3 fitas cassete).

Alfredo Wilhelm

Subsídios à Crônica de Blumenau

Der Urwaldsbote — ano 34 — n°. 29 — Sexta-feira — 8/outubro/1926.

Número festivo do Urwaldsbote por ocasião da Inauguração da ponte em Indaial no dia 10 de outubro de 1926.

INDAIAL

“Com o crescimento do município de Blumenau, desde a abertura da ferrovia Blumenau-Hansa em 9 de outubro de 1909 se fez necessário uma ponte para o cruzamento do Rio Itajaí, em Indaial, principalmente para os moradores da margem esquerda que seriam beneficiados com a construção desta ponte.

A primeira ponte sobre o Itajaí abaixo das quedas do Salto e cujos pilares foram construídos no período de fevereiro de 1896 até fins de julho de 1898 e foram somente providos com a armação de ferro depois da grande enchente de 1911 e entregue ao público a 26 de junho de 1913.

A primeira com o término desta ponte foi feita uma obra que beneficiaria muito o município e proporcionava grande comodidade, aos colonos, na extensa colônia. Beneficiavam-se os distritos Itoupaiva, Massaranduba, Rio do Testo, Mulde, etc. . . na margem esquerda, Salto Weissbach, Passo Manso até Encano na margem direita. Estas eram as colônias mais antigas colonizadas até os fins dos anos 50 e no início dos 60 intensificou-se a colonização; enquanto as colônias acima de Encano na margem direita e mais acima Encano do Norte, Benedito Novo etc. na margem esquerda iniciou-se primeiro nos anos de 1865 até 1868. Mas tomou então um grande impulso e era o celeiro de Blumenau.

Era compreensível que os moradores destes distritos principalmente Indaial, Benedito-Timbó, Encruzilhada e também Rodeio reivindicarem a construção de uma ponte em Indaial. O moroso movimento de balsa e as despesas dependentes sempre mais se faziam sentir. Os moradores sentiam esta dificuldade mais perto de maneira que o próprio Dr. Blumenau tinha que levar isto em consideração na distribuição dos lotes.

O primeiro impulso para a construção de uma ponte deu o Engenheiro Weitnauer, quando no término da exposição agrícola Municipal em Indaial em abril de 1916, fez um excelente projeto de uma ponte e apresentou o mesmo às autoridades. Este projeto que foi feito pelo Dr. Weitnauer por conta própria e cuja execução deveria ser feita por uma sociedade anônima particular, não chegou a ser feito devido ao falecimento do mesmo engenheiro a 2 de outubro de 1918. Mas foi então que naquele tempo nosso presidente e ao mesmo tempo deputado do Congresso Estadual Dr. Victor Konder empenhou-se pela construção da ponte.

Em julho de 1919, Dr. Victor Konder pediu ao Congresso a ajuda financeira para a Construção da Ponte de Indaial.

Por decreto nº. 1.254 de agosto de 1919, o Congresso Estadual aprovou financiar a metade da construção e o governador Dr. Pedro Hercílio Luz sancionou o mesmo. Porém devido as más finanças do Estado e do Município o início da construção foi adiado e concretizado apenas após a morte do Superintendente Paul Zimmermann, substituído então pelo senhor Curt Hering. Na reunião da Câmara Municipal no dia 10 de fevereiro de 1924, sob a presidência do Dr. Victor Hering, este autorizou o Senhor Curt Hering a abrir a concorrência pública para a construção de uma ponte sobre o Rio Itajaí-Açu em Indaial. A ajuda do Município seria proporcionada por uma tómbola ou um empréstimo Municipal. A concorrência aberta pelo senhor Curt Hering apresentaram-se três firmas construtoras: a Firma Emilio-Odebrecht e Cia. Pernambuco, com as melhores ofertas venceu a concorrência: Assim a mesma por contrato assumiu a 18 de outubro de 1924 a construção de uma ponte de concreto armado de 6 metros de largura e 175 metros de comprimento sobre o Rio Itajaí-Açu pelo preço de 440:000\$000.

A construção se fez com um tempo favorável e já em janeiro de 1925 podiam ser iniciados os trabalhos de betonagem. Em consequência da Enchente de 13 de maio de 1925, o projeto de ponto de balanço foi abandonado por um de arcos, mas esta mudança correu por conta da firma construtora que via neles maior segurança.

Durante a época da construção, isto é, janeiro de 1925 até a sua conclusão em setembro de 1926, trabalharam nela cerca de 15 técnicos e 30 operários. O financiamento da ponte foi planejado muito acertadamente pelo senhor Curt Hering. O mérito também cabe ao chefe da firma, Sr. Emil Odebrecht como seus auxiliares, em primeiro lugar Sr. Kurt Lungershausen, pois ambos são blumenauenses."

**

Der Urwaldsbote — ano 16 nº. 45 — Quarta-feira — 2/Dezembro/1908.

JOINVILLE:

"De nosso Estado" a seguinte notícia:

O caso Kulack tomou agora em Joinville um aspecto mais grave. Como é conhecido o alemão Kulack dinamitou uma pequena ponte de ferro que foi construída em seu terreno pela Companhia Ferroviária São Paulo-Rio Grande do Sul, ramal São Francisco-Iguassu esta terra não foi paga pela Companhia como anteriormente combinado com o senhor Kulack. Este senhor foi preso, processado e liberado. Na ocasião da prisão e também na cadeia foi maltratado e pediu assim a intervenção do governo alemão. O caso está nos tribunais na

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

Alemanha e para maiores esclarecimentos o senhor Kulack viajou para aquele país e em companhia o Professor Max Stein.

Há pouco os dois regressaram da Alemanha. Em São Francisco os dois embarcaram num Vapor Fluvial que os levou para Joinville. Aqui foram recebidos no cais por uma multidão revoltada e que aos gritos caíram por cima dos dois arrastando-os pelo cais ameaçando-os. Ajoelhados tiveram que beijar a bandeira nacional. Então Stein foi forçado a carregá-lo até o "Club Joinville" e Kulack tinha que gritar sempre Viva o Brasil. O que se pede agora severa investigação sobre o acontecido. Esta manifestação já beira um abuso patriótico e temos certeza que não foi espontâneo, mas o povo instigado a isto.

**Der Urwaldsbote — ano 13 n.º. 46 — Sábado 5/Dezembro/1938.
Ainda o caso Kulack — "De nosso Estado".**

Sobre o caso Kulack recebemos ainda a seguinte comunicação. O Senhor Stein que foi submetido também aos maus tratos não é professor mas apenas vizinho do Senhor Kulack. Já no Vapor em viagem a Joinville os dois foram alvo de manifestações hostis e o comandante queria levá-los de barco à terra firme antes de chegar ao Porto, mas foi impedido por Olimpio de Cliveira (Genro de Dr. Abdon Batista). A Gazeta Catarinense, órgão do senador Dr. Hercílio Luz escreve sobre o caso o seguinte: "Nos não podemos permitir estas manifestações baixas e desumanas. Direitos pátrios não podem ser manifestados desta forma. Acontecimento como este só podem levar à mágoas por parte dos elementos tão importantes como encontramos em Brusque, Blumenau, Joinville, Oxford, São Bento e tantas outras localidades e aos quais nós devemos eterna gratidão. As autoridades em Joinville procuram os culpados, mas o que não deverá ser fácil, pois são apontados como instigadores do acontecido um genro e um filho do Vice-Governador Dr. Abdon Batista.

(Tradução Edith S. Eimer)

"Der Urwaldsbote" — ano 25 — n.º. 32 — Sexta-feira, 19 de outubro de 1917.

"Lokalnachrichten" (Notícias Locais)

Faleceu esta madrugada no hospital Santa Isabel o Sr. Wilhelm Gross, com 70 anos de idade. Este senhor emigrou para o Brasil há 50 anos, vindo da Saxônia. Antes de abrir o conhecido restaurante aqui em Blumenau, que atualmente está nas mãos de seu filho, o senhor Gross esteve em Brusque e dirigiu o bar na casa de atiradores desta cidade.

Na época da revolução foi igualmente o sub-delegado.

“Der Urwaldsbote” — ano 24 — n.º. 84 — Sexta-feira, 20 de abril de 1917.

“Lokalnachrichten” (Notícias Locais)

Sob condições realmente lamentáveis faleceu ontem o professor Konrad Glau, da Tatutiba. Nas últimas semanas adoeceu seriamente e foi internado no hospital Santa Isabel. Aqui deveria ser operado, mas num momento de descuido do filho, e provavelmente não mais em condições mentais, devido as dores, fugiu do hospital à meia-noite. Todos o procuraram desesperadamente, até que se lembraram do rio Itajaí. As suspeitas confirmaram-se e o corpo do infeliz professor foi resgatado das águas do rio, nas imediações de Eschior.

Professor Glau servia fielmente em seu cargo por 32 anos, era benquisto e reconhecido por toda a comunidade. Pertencia inclusive à diretoria da Sociedade Escolar Alemã para Santa Catarina. Também na vida pública serviu por longos anos como inspetor de quartelão.

“Der Urwaldsbote” — ano 24 — n.º. 84 — Sexta-feira, 23 de abril de 1917.

“Aus unserm Staate” (Do nosso Estado)

“Der Fall Paul Renaux” (O caso Paul Renaux)

“Que nestes tempos tumultuados acontecem fatos desagradáveis era de prever. Um destes fatos aconteceu com o Sr. Paul Renaux, filho de Karl Renaux de Brusque. O jovem havia sido enviado, por seu pai, a Florianópolis para efetuar compras diversas. Igualmente deveria trazer munição para a Sociedade de Tiro de Brusque. Comprou a mesma na casa comercial do Sr. Ernesto Beck & Cia. Esta notícia espalhou-se pela cidade e assim começou o caso.

Paul Renaux partiu de Florianópolis em seu carro, mas alguns quilômetros antes de Tijucas, foi parado por 8 homens disfarçados de soldados. Foi levado ao quartel e de lá escoltado por soldados armados a bordo do “Destroyer Alagoas”, onde ficou preso por algumas horas. Foi forçado sob ameaças a assinar um documento cujo teor lhe era desconhecido. Então foi libertado. Prosseguiu a viagem, mas com medo de ser perseguido, abandonou por várias vezes o carro, seguindo a pé. Quando ainda faltavam dez quilômetros até Brusque, abandonaram-no seus nervos e ele, louco de medo, sacou o revólver e deu um tiro em seu próprio ventre. Gravemente ferido foi transportado ao hospital, mas há esperanças de recuperação. O governo tomou conhecimento do caso e disse que tudo tinha acontecido sem seu conhecimento.”

(Tradução de Edith Sophia Eimer)

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

Um zoológico modelo em Santa Catarina

Frei Elzeário Schmitt, OFM

Centro Turístico, Cultural e de Pesquisas de Santa Catarina. Parque Balneário de Camboriú. A Citur, à beira da BR-101, envolve um complexo de construções, áreas livres e enflorestadas, de surpreendente proporção e aspecto. O que ali se desenvolve, ignorado do grande público e dos meios de comunicação em geral, é, sob qualquer ângulo, um cometimento respeitável, em grande parte já concretizado, em parte ainda canteiro de obras ou em projeto, fadado a honrar nosso Estado, numa área geográfica privilegiada, exatamente no centro do mais falado turismo de nossas praias.

Uma visita ao que constitui o coração da Citur, motivo de sua atração maior, e que promete tornar-se o mais organizado Jardim Zoológico dos três Estados sulinos, deixa tocados de encanto a quantos têm olhos e coração para a nossa extraordinária exuberância tropical em fauna e flora, nós que tanto exterminamos e tão pouco preservamos, na caça desenfreada e impune às nossas riquezas, invejadas do mundo todo. Não é por menos que uma visita dessas significa uma compensação gratíssima para quem não acorre apenas por curiosidade trêfega, mas busca ali um prêmio de ordem mental e o alto prazer de estar esquecendo, ao menos por benditos instantes, as neuroses nascidas da fumaça de um mundo afogado em violência e destruição. Na verdade, trata-se de um zoológico diferente, e muito diferente — o zoológico ideal, que é um fechado bosque, a cidade das aves, com mais de 50 viveiros por enquanto, as “casas” dos moradores, plantadas em selva viva, em distâncias técnicas uma da outra, de ambos os lados de um caminho serpejante, de saibro muito limpo, constantemente varrido, que figura levar-nos, conduzidos por irisadas sombras, gorjeios, assobios, grasnidos, gazeios, arrulhos, tarameladas, trinados, e toda espécie de garganteio silvestre, levar-nos a fabulosa distância sem retorno visível, mais ou menos como em fantasias infantis. Embora exista, em certo ponto do bosque, um grande reservado para “espécies em extincão”, todos esses pássaros, às centenas, em pares ou em grupos, alinhados em suas moradias ali protegidas, estão ameaçados de extinção, num país em que até o tico-tico do vassoural se torna raridade. Pessoalmente, ao cruzar com um grupo de jovens diante das emas, de tão alentado corpo e empinado colo, ouvi a um deles sentenciando que era preciso panela grande para cozinhar tudo aquilo.

Entenda-se, na boa ordem das coisas, que um jardim zoológico não pode ser mantido apenas para satisfazer a gula dos olhos e o apetite do estômago do bicho homem, os animais e as aves entregues ao desleixo, à fome e até mesmo à crueldade de cuidadores sem alma. No reino da natureza, onde não houver coração, um tratamento humano, uma sensibilidade mínima, um pouco desse lendário carinho franciscano de São Francisco de Assis, para os bichos que já sofrem pelo simples fato de os mantermos presos em nome de um nem sempre

sincero cuidado de "preservação", estaremos apenas contribuindo para extinção do que alegamos defender da morte. Aliás, na entrada do Zoológico da Citur está faltando a estátua do Padroeiro da Natureza e dos Ecólogos, com a rolinha no ombro e o tucano na mão.

Esse tratamento humano dos animais em cativeiro é a simpatia que distingue o Zoológico da Citur. Viveiros absolutamente limpos, com legislado espaço, têm todos o seu pequeno "solarium" e área coberta, para o conveniente uso de seus moradores, além de água corrente, caixas para nidificação, vegetação viva para as aves que não destróem o arvoredo que se lhes dá. Todos possuem naturalmente sua placa indicativa do nome científico, do nome popular e do habitat de cada ave, o que se fez também na área livre por onde se movimentam as emas, o exemplar tamanduá-bandeira, as capivaras, os palmípedes ao redor de sua lagoa, placas que se repetem na piscina modelar dos quelônios, na grande torre das 12 araras — um ponto de estrelas no Zoológico —, no jardim envidraçado dos colibris e na rotunda maravilhosa dos numerosos aquários embutidos, um visual inesquecível de piscicultura, e se repete ainda no grande pavilhão dos galináceos raros, todos de patas emplumadas, constituindo surpresa à parte por sua variedade de espécies.

Preciso abrir parêntesis para as duas jaulinhas provisórias em que se encontram, tristes, a onça preta e a malhada, soberbos animais de tamanho, dignos realmente de sorte melhor, e que legalmente requerem, para um casal, área de 40 metros quadrados. Soube, porém, que receberão mais humano espaço. Que em nome de São Francisco de Assis, Padroeiro dos Bichos, e em nome da humanidade, elas não demorem a esperar. Já vi onças em acanhamento igual de espaço vital, em zoológicos desumanos, parece que preocupados em matar de tristeza e desleixo. No Zoológico da Citur as preocupações são de vida.

Caro de manutenção, válido, rico, brilhante, paradigma de ecologia dirigida para o ideal, o Projeto Zoológico do Balneário de Camboriú, sem favor um organizado e surpreendente tributo à Natureza Brasileira, pelo que já nos apresenta, honra-nos, e deve ser glória de seus idealizadores, assim como é, desde agora, para o Estado.

Araras inflamadas de cores, flamingos flamantes, de mistura com palmídeos branquíssimos ou castanhos de ledó vozerio, em bizarra convivência ou emulação; e o tamanduazão folgado, sem interesse absoluto pelo bicho homem admirador, passeando sua bandeira toda aberta, por entre gansos e marrecões protestadores, em procura dos troncos que há muito tempo ele já deixou sem restinho de formiga — e isso tudo na sombra verde-escura da natureza ondulante às brisas, já misturada com xaxins, bromélias, trepadeiras, arbustos de frutos silvestres, ainda é defendida e aumentada com plantio contínuo de arvoredo novo, proteger sempre mais denso dos 52 viveiros de pássaros, razão de ser do carinho maior do Zoológico. Festa para as crianças, pedagogia viva e palpitante para quem estuda, este desopilante passeio silvestre significa o mais invejável exercício de oxigenação.

O visitante não pôde ver tudo, com gosto, numa só tarde, nem procurou, junto à administração do Parque, dados técnicos, exatos.

ou completos, sobre tão notável instituto. Aqui se apresenta, unicamente, um punhadinho de impressões, colhidas por um cidadão brasileiro sensibilizado com a dedicação total dum outro punhado de cidadãos brasileiros e catarinenses, empenhados na carinhosa defesa do que temos de mais belo no País, com humanidade e com amor. No País das patriotadas, é isto o patriotismo.

Balneário de Camboriú, agosto '85.

A personalidade de Hercílio Luz na necrologia de Eugen Fouquet

“Der Urwaldsbote” — ano 32 — n.º. 34 — Sexta-feira, 24 de outubro de 1924.

“Florianópolis, 20-22

Com profundo pesar comunico-vos, falecimento hoje do ilustre Dr. Hercílio Luz, eminente governador do Estado.

Saudações cordiais. Pereira e Cliveira, Governador.”

(Texto do telegrama enviado ao “Der Urwaldsbote”)

“Quando Dr. Hercílio Luz, há seis meses, seguiu para a Europa à procura de melhoras para seu abalado estado de saúde, seus amigos ainda acreditaram que os médicos pudessem fazer este milagre. Os médicos franceses enviaram-no para Savoya para as águas de Evians-las Bains e as notícias que vinham de lá, enchiam todos de esperanças. Somente, quando de seu embarque no Rio é que se soube da gravidade de seu estado de saúde. Os médicos aconselharam a uma mais longa permanência na capital, mas ele queria voltar para Santa Catarina. Chegou a 8 de outubro em Florianópolis, todas as cerimônias de recepção foram canceladas e em silêncio a massa do povo o aguardava no porto. Mas só poucos dias de vida lhe foram proporcionados. Faleceu a 20 de outubro, vítima de um câncer no estômago. Já há anos reclamava de dores estomacais, mas infelizmente, o mal só foi descoberto muito tarde.

Com Dr. Hercílio Luz desapareceu um homem que por mais de 30 anos serviu fielmente ao nosso Estado.

Na Proclamação da República, em 1889, sua estrela principiou a brilhar. Era sem dúvida um líder. De uma percepção rápida, enérgico e valentia pessoal, marcavam sua pessoa. Era mais político do que administrador, mais chefe político do que estadista mas, nunca lhe faltou visão como homem de Estado. Assim dirigiu uma generosa política de trânsito, que muito contribuiu para a expansão do nosso Estado. Quando iniciou o plano da ponte do Estreito, que com justiça leva seu nome, essa obra gigantesca, que em toda América do Sul procura igual, poucos acreditavam que levaria esta obra até o fim. Hoje ali está a ponte como prova de um espírito empreendedor. Muitas dificuldades tinham que ser vencidas, mas foi concluída apesar do malogrado plano financeiro com o Banco Americano Indústria e Comércio, que com sua bancarrota colocou nosso Estado em séria dificuldade.

Pessoalmente Dr. Hercílio Luz era de uma grande simpatia e simplicidade. Sua apresentação era de perfeito cavalheiro. Todos que mantiveram contato mais estreito com ele sabem disto, aos amigos demonstrava fieldade, seus inimigos receiavam encontrá-lo, de temperamento explosivo, às vezes perdia a paciência. Procuramos ser justos, assim podemos citar entre seus predicados também seus defeitos, pois ele os tinha como todos os homens os têm.

Sua carreira política, Dr. Hercílio Luz iniciou em Blumenau, onde esteve nos principios dos anos noventa, como chefe do departamento de terras. Na Revolução de 1893, encontrava-se ao lado do Marechal Floriano Peixoto, que lhe demonstrava completa confiança e, em Desterro combateu os federalistas. Dirigiu, Dr. Hercílio Luz, também a famosa marcha de um corpo voluntário blumenauense. Passada a revolução, em 1894 foi eleito governador.

A construção da estrada de Blumenau para o Planalto Serrano foi iniciada sob o seu governo e agora terminado pelo Sindicato Agrícola, também a infra-estrutura da Ponte do Salto teve inicio. Assim ele guiou o Estado sob a estrada do progresso e colocou as bases para uma elevação do comércio que se fez sentir com seus sucessos.

Quando em 1898, ele se retirou do governo, somente conservando a direção do partido, aconteceram graves desavenças partidárias, fazendo com que perdesse as rédeas do governo, que passou assim, para as mãos de Lauro Müller. Mas aniquilado, como seus inimigos esperavam que ficasse, não ficou. Foi primeiro eleito para a Câmara dos Deputados e depois para o Senado. Ali ficou aguardando sua hora. Esta chegou 20 anos depois. Nas eleições para governador em 1918 ele foi candidato. Seu oponente foi o Dr. Abdon Batista, de Joinville, que contava com um apoio influente, enquanto que Hercílio Luz tinha o povo de Florianópolis. Foi então que intercedeu o Dr. Lauro Müller, para preservar a estrutura do Estado. Ele mesmo se fez eleger governador do Estado e o Dr. Hercílio tornou-se vice-governador. Foi porém, acertado que Dr. Lauro Müller não assumiria o governo, mas o entregaria a um substituto. Assim aconteceu e sem maiores problemas o vice-governador assumiu a direção do Estado.

Como governador do Estado, Dr. Hercílio não podia ser reeleito, mas para o cargo de vice-governador, a constituição não previa nada. Precisava depor apenas o cargo 6 meses antes do término do período governamental. Sem oposição, foi eleito em 1922 e novamente tornou-se governador e chefe do partido em uma só pessoa e dispunha de força ilimitada que também não recebia oposição pelo congresso. Nos pináculos da glória e da força, foi surpreendido pela morte. Seis anos perdurou o governo de Hercílio Luz e cai junto com um progresso da vida comercial e que mostra acentuada exportação. Agricultura, indústria, comércio e transporte elevaram-se, apesar dos altos impostos. Infelizmente as finanças estaduais não estão boas. O ano de 1923 fechou com um acentuado déficit e o ano de 1924 não será melhor. Ao problema financeiro, precisa dar maior atenção agora o governo e os representantes do povo.

A fonte de todo o desastre foi o empréstimo de 5 milhões de

dólares feito em 1919 à Imbrie & Cia. de Nova York, dos quais somente 1 1/2 milhões entraram nos cofres estaduais, porque a casa bancária faliu sem fazer o restante do pagamento.

Entre os governadores que teve o Estado de Santa Catarina, a figura do Dr. Hercílio Luz foi a mais marcante. Nem todos o elogiarão mas terão que reconhecer que foi um homem de méritos e que soube se impor. Era empreendedor e fazia-o com satisfação. Nem todos os seus planos pôde concretizar, mas o que fez será duradouro e beneficiará nosso Estado, quando seus críticos já não existirem mais.

Nosso município teve no Dr. Hercílio um amigo verdadeiro e bem compreensível, protetor e patrocinador. Mas também sabia que podia confiar em Blumenau. Desde o principio de seu governo, seu desejo foi unir o município de Blumenau, para que assim unido, pudesse enfrentar o futuro. E este desejo vamos aceitar como um legado de um homem que queria bem a Blumenau.

Ass: E. F. (Eugen Fouquet)"

(Trad. de Edith Sophia Eimer)

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: ROSA HERKENHOFF

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado em Joinville a partir de 20 de dezembro de 1862.

Anúncio publicado no dia 10 de janeiro de 1863:

Aluguel de pasto para cavalos. Por mês, Rs. 1\$000, por semana, 320 réis, diária 60 réis. Com H. Guenther.

Comunicado no jornal do dia 17 do mesmo mês:

Como os pastos da Colônia se encontram completamente refeitos, o abaixo-assinado pede aos proprietários de animais como: cavalos, bois, porcos, cabras, etc., que não mais soltem os animais nos lugares públicos e ruas da Colônia, como tem acontecido até agora por motivos de economia. Segundo o artigo 33 das posturas, é proibido soltar animais, o proprietário sujeito à multa de Rs. 4\$000 e, em reincidência, Rs 8\$000. Do dia 18 em diante, o abaixo-assinado fará com que as disposições do referido artigo sejam rigorosamente cumpridas.

Joinville, 17 de janeiro de 1863.

W. Hoffmann, Ajud. Fiscal.

Notícias locais do dia 24 de janeiro de 1863:

A escola pública masculina de Joinville, no ano de 1862 a 1863 foi freqüentada por 101 alunos. Destes alunos, 59 freqüentaram regularmente as aulas, por vezes impedidos por doença, mau tempo ou ajuda necessária em casa. Estes tiveram bom aproveitamento, mas 42 alunos freqüentaram tão irregularmente as aulas, que não conseguiram progresso algum. Vários faltaram durante três, quatro e até seis meses.

No dia três de dezembro do ano passado, prestaram exames di-

ante do sub-diretor das escolas locais, Georg Otto Niemeyer e os examinadores nomeados pelo mesmo, senhores Dr. W. Engelke, e C. Lange, com resultados satisfatórios. O exame da primeira classe (quarto ano), segundo as instruções da Lei Provincial, constou da gramática portuguesa, gramática alemã, caligrafia, frações decimais e ordinárias, regra de três, proporções, falsa posição, etc.

Pela direção da Colônia foi oferecido um prêmio de Rs. 10\$000 ao aluno de freqüência mais assidua e de melhor aproveitamento. Outros prêmios, como livros, foram oferecidos por pessoas interessadas no ensino. Para o ano em curso matricularam-se 114 alunos...

Anúncio publicado no dia 21 de fevereiro do mesmo ano:

Estrada de Ferro de São Paulo. — Viagem gratuita a Santos por vapor, e no mínimo Rs. 2\$000 por dia garantidos por contrato, a quem se comprometer a trabalhar durante 6 meses na estrada. Pessoas interessadas devem se apresentar, munidas de passaporte, ao abaixo-assinado.

Joinville, 19 de fevereiro de 1863. — C. Lange.

Notícias locais do dia 18 de abril de 1863:

Nos últimos meses partiram de Dona Francisca, com destino a Santos, perto de 100 colonos, entre os quais muitos pais de família, a fim de trabalharem na construção da estrada de ferro São Paulo. Segundo cartas enviadas aos familiares, os operários ganham Rs. 2\$500 por dia e, em empreitada, 3 a 4 mil réis por dia. Por ser um salário tão convidativo, apresentaram-se mais 70 homens para seguirem pelo próximo navio, esperando ganhar boa soma de dinheiro durante seis meses. Não se lembram, porém, que aqui deixam o seu serviço e que lá, durante os dias de chuva, também não poderão trabalhar.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

B L U M E N A U

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

O que significa este **deficit**? Significa que mesmo reduzindo ao máximo suas importações, a colônia ainda não conseguia cobri-las com suas vendas para fora.

O imigrante alemão não se contenta com as possibilidades de consumo que lhe oferece a economia natural. Ele provém de uma economia agrária que mercantiliza. Nas palavras de Willems (10): "Os imigrantes germânicos abandonam uma cultura em plena mudança e, em grande parte, por causa desta mudança... É uma sociedade rural que está secularizando, cujas comunidades se vêm articulando cada vez mais com os mercados urbanos, cujas manufaturas domésticas se desagregam ou se transformam com a industrialização crescente, cujos jovens estão sendo atraídos, em número cada vez maior, pelos centros industriais. É o próprio campo que se urbaniza, cujo estilo de

vida sofre modificações profundas e com a mobilidade crescente das populações. É o capitalismo, enfim, que penetra, baseado em técnicas científicas, os processos de produção agrícola". (Grifo no original — PS.)

O colono não se resigna, portanto, ao autoconsumo. De que modo, porém, é coberto o **deficit** que surge nas relações comerciais da colônia com o exterior? De uma lado, pelas reservas monetárias trazidas pelos próprios imigrantes. Cada família que chega traz consigo algum dinheiro, que gasta comprando instrumentos de trabalho ou bens duráveis de consumo. De outro lado, pelos investimentos bastante pesados que o fundador da colônia tinha que realizar, na construção de pontes e estradas, de edifícios públicos, etc. No relatório de Blumenau referente a 1858, por exemplo, lemos: "Quanto aos trabalhos e obras públicas, anexas à colonização, terminou-se a casa de morada do pastor que custou a alta soma de 2:650\$000; uma grande casa para abrigo dos imigrados, na barra ou porto do rio; uma dita na povoação da colônia, um rancho, dito, perto do Ribeirão da Itoupava e, enfim, construiu-se uma escada de 85 degraus com um plano inclinado, carro e guindastes, para carga e descarga de bagagem, etc. no barranco do rio, na povoação da colônia".

"Gastaram-se, com esses trabalhos, neste ano Rs. 1:765\$850, e com diversos outros, de utilidade pública para a colônia Rs. 375\$000, etc.; despesas com caminhos, pontes na colônia, importaram em Rs. 666\$840, as ditas da estrada que segue da colônia para a Barra do Rio, em Rs. 947\$470; em tudo, pois, Rs. 1:614\$310".

Ora, é provável que a maior parte destes investimentos tenha sido em salários, já que a matéria-prima e os instrumentos de trabalho não deveriam ter sido de custo elevado. No mesmo relatório de Blumenau, acima citado, lê-se: "Ora, nesta colônia, os salários dos trabalhadores se conservaram sempre, até 1856 e 1857 — em que, em consequência da imigração bastante considerável, havia abundância de trabalhadores — numa altura que foi 1/3, 1/2 e até 1/1 maior do que em muitas outras partes, desta e de outras províncias, entretanto que o preço dos mantimentos, pouco ou nada oscilou". "Sempre que eu quis baixar os salários, não havia trabalhadores, preferindo os colonos trabalhar nas suas próprias terras."

Os colonos, portanto, se sujeitavam a trabalhar para o Dr. Blumenau, mas por bons salários, que naturalmente gastavam em bens importados. Os investimentos do fundador constituíam injeções de dinheiro de fora para dentro e cobriam em parte o **deficit** comercial da colônia.

Os meios próprios de Blumenau não eram suficientes para manter o nível de investimentos à altura das necessidades do desenvolvimento da colônia. É preciso lembrar que a obtenção de imigrantes para a colônia implicava gastos elevados na Alemanha também: pagamento de agentes recrutadores, gastos de publicidade, financiamento

das passagens de parte dos imigrantes, etc. Os fundos de Blumenau, acrescidos como vimos, pela herança paterna em 1851, não resistiram muito tempo.

Em 1854 Blumenau comprometeu-se perante o governo imperial de introduzir na colônia, em 10 anos, 4.000 imigrantes e de construir uma estrada, paralela ao Rio Itajaí, interligando a colônia e o porto marítimo. O governo adiantou-lhe 25 contos por conta dos prêmios a que fazia jus e se comprometeu a pagar 8 contos anuais, até um total de 32, de 1858 em diante. Nos anos seguintes Blumenau conseguiu novos adiantamentos, em parte, provavelmente para atender os prejuízos decorrentes de grande cheia do Rio Itajaí em fins de 1855.

Em fins de 1858 a situação, no entanto, era desesperadora. Blumenau, em seu relatório de 1858 expõe a situação nos seguintes termos: "segundo um cálculo, bastante exato e baseado em experiências feitas nesta e em outras colônias do império, as despesas a fazer-se com os negócios gerais de uma colônia, montam no Brasil, 110\$000 a 140\$000, por pessoa, variando alguma coisa, segundo a localidade dada, podendo-se contar, num futuro mais ou menos remoto, com uma recuperação de 35\$000 a 55\$000". "Para concorrer às despesas enumeradas, que tenho que fazer, tanto na Europa como no Brasil, estou reduzido: 1.º) ao rendimento líquido da venda das terras e este importou, em 7 anos, apenas em 8 contos; 2.º) ao reembolso dos adiantamentos, anteriormente feitos aos colonos — e este se efetua com extrema lentidão e em escala diminutíssima, além das muitas perdas que nele se dão. A sua cobrança não pode ser apressada sem o inconveniente de apertar os colonos, torná-los descontentes e arruinar e afugentar muitos deles, e, enfim 3.º) ao prêmio que o governo imperial me paga e este é, apenas, de 20 a 30 mil réis por pessoa, ao passo que a despesa geral, que com ela se faz, desde o ano de 1856 em diante, vai além do triplo e do quádruplo."

Verifica-se, por esta exposição, que a colônia estava longe ainda de permitir a recuperação do capital investido, exigindo, pelo contrário, maiores inversões. O fator fundamental a que se devia esta situação, é que a colônia não se tinha ligado firmemente a uma economia de mercado, não se inseriu numa divisão de trabalho nacional ou internacional. Como vimos, suas exportações eram insignificantes e suas importações se cobriam, em quase 50%, com entradas de dinheiro vindas do exterior. Evidentemente, as terras não se poderiam valorizar, pois havia abundância de terra virgem e, por outro lado, a valorização relativa devida a uma localização mais vantajosa em relação ao mercado tampouco poderia surgir, simplesmente porque o mercado era muito pouco importante, no contexto de uma agricultura de autoconsumo. Do mesmo modo, o reembolso dos adiantamentos aos colonos poderia ser precário, pois de onde tirariam estes o dinheiro se não vendiam mais que uma parcela ínfima de sua produção?

(Cont. no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA